

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2001- ANO V - Nº 55

EDITORIAL

A Fundação Christiano Rosa e a cidade de Piquete estão de luto. Morreu, no dia 14 de agosto, José Palmyro Masiero, diretor do "O ESTAFETA". A municipalidade decretou luto oficial de três dias, merecida homenagem a um dos maiores filhos desta terra. Terra por ele cognominada de "Cidade Paisagem".

Professor, jornalista, historiador, pesquisador e, sobretudo, um apaixonado por Piquete. Idealista, quando se cogitou da instalação de uma Fundação em Piquete, ele foi uma das primeiras pessoas a se fazer presente, sugerindo, apontando caminhos, contribuindo para essa empreitada. Assumiu a direção deste Informativo e participou de todas as suas atividades.

Mesmo não residindo aqui, sentia Piquete em todos os momentos de sua vida. Acreditava na potencialidade de seus filhos. Dizia ser Piquete um inesgotável manancial de talentos, que, por ausência de incentivos, deixam de ser burilados. E que todos, se unissem forças, poderiam contribuir para o engrandecimento da cidade.

Em junho passado, quando do aniversário do Município, em discurso proferido na Câmara fez uma analogia histórica das diferentes identidades de Piquete, afirmando a necessidade da formação de uma nova, para a qual é necessário definir o que queremos para nossa cidade e estabelecer uma rota a seguir. Dizia que somente com um trabalho integrado junto aos governos estadual e federal, a união do nosso Executivo e Legislativo, deixando querelas menores, num esforço suprapartidário com toda a população cidadina, poderemos chegar ao destino que traçamos.

Yeyé Masiero foi um homem plural. Adjetivá-lo é muito difícil, uma vez que foram muitos seus predicados. Humilde, espírito elevado, cordial, coração generoso, líder natural. Intellectually equilibrado, apaixonado pela vida, ao longo da qual colecionou muitos amigos. Difícil apontar em que área do saber ele tenha sido maior. Sobressaiu-se bem em todas elas. Bibliófilo, consciente do valor e importância da história para a formação do cidadão, iniciou, nos anos 50, pesquisas sobre nosso passado. Recolheu, no transcorrer dos anos, documentos, jornais, fotografias e, por meio de uma de suas paixões, a escrita, eternizou, em inúmeras crônicas, o dia-a-dia da Cidade Paisagem. Lutou e venceu inúmeras batalhas pela vida. Exemplo de cidadania a ser seguido por todos. Deixa muitas saudades. Será sempre, com reverência, lembrado.



Pico dos Marins, ponto culminante de Piquete, com 2422m. Visita obrigatória dos amantes da natureza. Paisagem registrada pelo fotógrafo Paulo C. Neves a partir do Bairro dos Marins.

Governo estadual discute turismo em Piquete

Aconteceu dia 7 de agosto, em Piquete, uma reunião em que representantes do governo estadual apresentaram um plano para o desenvolvimento agrícola e turístico para o bairro dos Marins. O projeto foi discutido durante o Encontro do Conselho Estadual de Microbacias Hidrográficas, do qual participaram representantes das Secretarias Estaduais da Agricultura, do Meio Ambiente e do Departamento de Água e Energia do Estado, além de técnicos regionais de meio ambiente e dos Conselhos Regionais de Agricultura de todo o Estado de São Paulo. O encontro contou, também, com significativa representação de moradores do Bairro dos Marins, principais interessados na efetiva implantação do plano. Mais de 60 pessoas estiveram presentes.

Após a reunião, os técnicos seguiram para a região da microbacia, no bairro dos Marins, onde foram abordados com diversas questões ambientais.

O principal objetivo dos trabalhos é organizar o turismo no bairro, preservando o meio ambiente, criando alternativas de geração de renda para os seus cerca de 350 moradores, que vivem em 60 propriedades rurais.

Segundo o diretor técnico do Escritório de Desenvolvimento Rural de Guaratinguetá, Jovino Paulo Ferreira, o plano deverá estar totalmente implantado dentro de três anos. A primeira fase, a do levantamento sócio-econômico das famílias do bairro, já foi feita. A proposta

é manter a produção agrícola e a pecuária hoje existentes na área e organizar o turismo, já que o bairro recebe visitantes interessados nas belezas cênicas do local, nas cachoeiras e inúmeras trilhas, e na escalada do Pico dos Marins, principalmente durante o inverno.

Lembramos que esta região se localiza numa privilegiada APA - Área de Proteção Ambiental. Assim, paralelamente a qualquer projeto voltado para o turismo, deverá acontecer um trabalho de educação ambiental, com a participação de toda a comunidade. Somente dessa forma será mantido o equilíbrio ambiental, com qualidade de vida, uma atração a mais para os turistas que nos visitam.

Os participantes do encontro visitaram também a histórica fazenda Santa Lydia, no bairro do Itabaquara, de propriedade do Sr. João Carlos Marcuschi, onde lhes foi oferecido um almoço.

A Fazenda Santa Lydia é uma das propriedades que estão sendo adaptadas para receber turistas em nosso município. Como ela, a Fazenda Mundo Novo, do empresário Manuel Medeiros, está recebendo turistas em suas instalações, que incluem completa infra-estrutura para acomodação de 100 pessoas. Estes e outros empresários precisam de incentivos para manter tais investimentos, possibilitando, assim, que Piquete venha, efetivamente, desenvolver seu potencial turístico. Estamos apenas engatinhando.

Imagem - Memória



Família Masiero. Com o violão, Yeyé. “Henrique Maziero, seu pai, que de tanto ser músico, tornou-se melodia na lembrança e Maria Aparecida Maziero, sua mãe, constante regente de sua vida, que lhe legou uma harmoniosa afeição pelo simples”.

Janela da Memória

Algumas pessoas são muito especiais. Se elas não tivessem existido, com certeza a comunidade com que compartilharam seus sonhos teria sido mais pobre. Pelo nosso caminhar histórico elas deixam traços de sua passagem como referência e exemplo de trabalho a ser seguido, lembrando-nos de nossa transitoriedade. Transitoriedade reconhecida através do estudo e conhecimento do passado, com o qual dialogamos no presente e o projetamos como modelo para as gerações futuras.

Por meio da memória é que elaboramos esses pensamentos e procuramos reviver fatos pretéritos. Um dos instrumentos utilizados para isto é a fotografia. Surgida no século XIX, procura servir como documento iconográfico a ser valorizado historicamente, por armazenar diferentes épocas, fatos e feitos, muitos já esquecidos no tempo, mas que com o auxílio da memória nos proporciona várias releituras e entendimentos.

As reações provocadas ao se olhar para uma fotografia são as mais variadas. Sentimo-nos atraídos pela imagem e encetamos uma viagem no tempo. É impossível ficarmos indiferentes diante de fotografias amareladas, muitas vezes esvanecidas, principalmente quando reproduzem nosso espaço mítico-afetivo, suscitando-nos múltiplas emoções.

A fotografia, quando vista, evoca lembranças, resgata sentimentos e emoções há muito adormecidas. Faz o indivíduo reviver fatos guardados nos arquivos da memória e por muitos anos esquecidos.

A foto age como um estopim que detona mecanismos de lembranças e transforma-se num passaporte que nos possibilita uma viagem pelos ontens. Por meio delas tomamos conhecimento das relações humanas, da ocupação dos espaços físicos, dos encontros e desencontros, da religiosidade do povo e de sua relação com o meio ambiente, do trabalho, do poder. Alcançamos, portanto, seu cotidiano.

Assim foi que, quando da criação do “O ESTAFETA”, em fevereiro de 1997, Yeyé Masiero criou a coluna “Imagem – Memória”, para que nela fosse exposta, mensalmente, uma fotografia que resgatasse um pouco da história, das famílias, da paisagem, enfim, do cotidiano de Piquete. A “Imagem - Memória” tem proporcionado recordações que, pela captação dos diferentes contextos sócio-geográficos, têm preservado a memória visual de inúmeros fragmentos de nossa cidade, dos seus cenários, dos seus contínuos eventos, de suas transformações ininterruptas. Pereniza a história do Município. Ao longo de sua

vida, Yeyé Masiero veio, pacientemente, colecionando imagens de Piquete desde a instalação da Vila Vieira, no final do século XIX, até os dias de hoje. Este rico acervo, garimpado em antigos álbuns de família e arquivos públicos, foi fotografado, e os milhares de negativos meticulosamente identificados, catalogados e arquivados. Com sua colaboração, foram realizadas inúmeras exposições fotográficas em Piquete. Memorável a do centenário do Município, junto com o Grupo Ambientalista Marins (GAM), na qual a comunidade pôde conhecer parte da história da “Piquete de seus amores”.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Palmyro Masiero

“Uma canção ao longe... É um mendigo... Se esse velho que nunca possuiu nada canta, por que te lamentas, tu, que tens tão belas recordações?...”

TU - FU (715)

Palmyro Masiero nasceu em 25 de maio de 1931, em Piquete, num claro dia de outono, em que o céu e a serra, de tão azuis que estavam, coloriram seus olhos. Emotivo, sensibilidade à flor da pele, criativo, pautou sua vida na cultura e no saber. Suas inclinações eram voltadas para os horizontes da inteligência e da beleza. Senso estético apurado, cultivava o belo e, otimista, só via o lado bom das coisas.

O pai, Henrique Maziero, mineiro de São João del Rei, “...de tanto ser músico, tornou-se melodia na lembrança...” e a mãe, Maria Aparecida, Dona Dinha, “...legou-lhe uma harmoniosa afeição pelo simples...” Da mãe, de tradicional família piquetense, com raízes profundas fincadas neste solo, herdou o amor pela terra e sua gente. Cresceu cercado pelo carinho das avós Marieta e Rosina. Coursou o grupo escolar Antônio João e o Ginásio Industrial da FPV – seus primeiro e segundo amores... – e a Escola Normal Duque de Caxias, recebendo o prêmio Rui Barbosa pela conquista do primeiro lugar em todas as séries da escola. Descobre sua vocação. Educador nato, em todos os momentos ensinava.

Participou ativamente de todos os momentos da cidade. Boêmio, com voz privilegiada, musicalizava as madrugadas piquetenses. Escritor vocacionado, cronista excepcional, escrevia com refinado senso de humor suas crônicas disputadas por leitores de todo o Vale do Paraíba. Publicou mais de 1000 em vários jornais da região. Sabia contar, de maneira prazerosa, fatos que nos levavam a viajar no plano da memória.

Foi um dos fundadores do periódico “O Regente”, em 1958, e um dos fundadores e redator-chefe do semanário “A Cidade”. Foi também redator-chefe do “O Labor”, órgão da FPV, em 1967.

Outra de suas paixões, o teatro, levou-o a dirigir o grupo teatral “ARTE”, com o qual encenou, em Piquete, peças memoráveis: “Iaiá Boneca”, “Pluft, o Fantasminha”, “As Solteironas dos Chapéus Verdes”, “Uma Flauta para o Negro”, “Comédia do Coração”, entre outras.

Foi durante os ensaios de Iaiá Boneca que se enamorou de Thereza Myrthis Mazza. A paixão pela palavra, o gosto estético e o teatro os aproximaram. Casaram-se e tiveram os filhos Rossana, Rosiane, Rosilene e Júnior, que lhe deram duas netas.

A exata consciência de cidadania fê-lo participar ativamente de diferentes instituições em Piquete. Assim, foi



presidente do Grêmio General Carneiro por duas gestões, conselheiro da Sociedade Amigos de Piquete – SAP –, membro da diretoria da Associação Comercial de Piquete, vereador eleito, em 1964, sendo seu 1º secretário nos anos de 1964 a 1966 e presidente no ano de 1967.

Reconhecia a importância do patrimônio histórico-arquitetônico e ambiental do município e os defendia veementemente. Ainda nos anos 50, começou a colecionar tudo o que se referi a a Piquete. Por essa época, iniciou pesquisas sobre nossa história, registrando-as. Em 1968 mudou-se para São José dos Campos. Levou consigo Piquete. Foi um embaixador de nossa cidade, pois em todas as oportunidades que teve de falar sobre a “Cidade Paisagem” o fez. Coursou Administração Escolar, Pedagogia e Escola de Belas Artes. Pós Graduação e Mestrado no INPE: Teoria de Comunicação,

Engenharia de Sistemas, Desenho, Sistemas Educacionais e Produção Audio Visual.

Suas inúmeras atividades sempre estiveram ligadas à educação. Em São José dos Campos foi professor, assistente de diretor e diretor da Escola Ângelo de Siqueira Afonso. Foi orientador pedagógico na área de Matemática, por cinco anos, do SEROP – Setor Regional de Orientação Pedagógica da Secretaria de Educação do Estado. Seu carisma, erudição e facilidade de comunicação fizeram com que fosse solicitado para conferir vários cursos e palestras sobre a Moderna Metodologia da Matemática e conferências sobre tecnologia educacional, comunicação interpessoal e problemas brasileiros.

Apassionado pelo Vale do Paraíba, José Palmyro Masiero era profundo conhecedor de sua história. Tornou-se referência para pesquisadores e estudantes universitários, que buscavam suas luzes e seu rico acervo documental e iconográfico colecionado ao longo de anos, de diferentes cidades da região, para teses e trabalhos.

Autor de vários livros, presenteou-nos, no centenário da cidade, em 1991, com “Piquete de meus amores”. O título diz tudo.

Fez parte da Fundação Christiano Rosa e manteve neste Informativo a coluna “Crônicas Pitorescas”.

Yeyé é assim: um ser imortalizado pelo otimismo, pelo bom humor, pela inteligência marcante, irônica, sutil. Sua partida deixa seus amores inconsolados, sua terra mais pobre. Porém, sua sobrevivência será longa. “O ESTAFETA” continuará sua caminhada, levando em frente o sonho de seu diretor: divulgar Piquete, que ele, melhor do que ninguém, a congominou: “Cidade Paisagem”.

“Uma flauta para um negro”, de Pedro Bloch. Da esquerda para direita - em pé: Fausto, Mário Piquet, Jair, Myriam, Oswaldo Peixoto, Damas, Lessa Bastos, Edivaldo, João Gomes; agachados: Batatinha, Sobrinho, Leda Courbassier, César Damico, Yeyé Masiero, Orlando Garça; sentados: Mário Marcondes e Cida Coelho.



Memorial dos Moradores de Piquete - 9

Luiz Vieira Soares

*Aceitou os dons e cumpriu a missão. Lutou o bom combate!
“Quem for simples vinde a mim” (do livro dos Provérbios)*

Luiz Vieira Soares foi um homem de muitos amigos e admiradores. Participante ativo da vida política, serviu, como cidadão, ao município, em várias e honrosas funções: vereador, entre 1952 e 1955 e prefeito em três mandatos: 1948 – 1951, 1960 – 1963 e 1969 – 1972.

O espírito cristão e a boa formação foram-lhe instrumentais básicos no exercício dessas funções. Cumpriu-as com empenho e dignidade. Entrou em contato com muitas procelas, batalhas, dissidências e, para usar um termo adequado ao seu bom ouvido de mestre musical, dissonâncias. Soube, entretanto, equilibrar-se e garantir limpeza de propósitos; soube ser cidadão pelas características básicas do trabalho árduo, da solidária participação e do espírito compassivo. Atuante e coerente, não se deixava abater pelos desafios, mas não compactuava com os erros. Pesava bem as palavras e, ao dizê-las, referenciava-se nos bons exemplos assimilados. Guardava das pessoas o que lhe parecia de maior valor. Comedido, não fazia elogios gratuitos ou fáceis. Era dotado de mansidão e humildade.

Emérito filho de Piquete, não deixava de estar presente, voluntariamente, às associações, fossem elas de culto, ou de estudo religioso, ou beneficentes. Não faltava aos convites. Solícito sempre.

Bom articulador, ouvia sabiamente, estimulava e sabia ser ético sem precisar se esforçar em efeitos contraditórios ou concordâncias meramente cordiais. Racional, mantinha um diálogo compreensivo por todos: do intelectual ao mais humilde.

Dele me lembro, o moço Luiz, congregado mariano, filho de D. Cota e “seu” José Soares, sóbrio, lutador, buscando a perfeição, íntegro e idôneo. No momento de constituir um lar, enamorou-

se da professora Conceição Godoy, originada de tradicionais raízes do bairro do Embaú. Para lecionar em Piquete, ela se hospedava no Hotel das Palmeiras. Mas, para namorar o Luiz, nossa prima se deslocava para a casa de tia Mariquinha (Maria de Lourdes Ferreira), então presidente da Associação das Filhas de Maria, entre as quais Conceição se alinhava, distintamente. No portão, à luz clara da tarde e sob as recomendações familiares do Embaú, Conceição e Luiz arquitetavam o futuro que cumpriram em um casamento de cerca de 53 anos.

No noivado, tínhamos a presença de Conceição elaborando caprichosa e carinhosamente o enxoval. Gostávamos de admirar seu labor aprendido em boa escola.

Casados, foram morar em casa vizinha à nossa. Eram felizes. Nasceram-lhe os dois filhos: Maria Aparecida e José Tadeu. E, enquanto isso, Conceição lecionava no Grupo Escolar e Luiz trabalhava na Fábrica.

Músico, nosso homenageado participava da Banda e do Coral Santa Cecília. Na nossa majestosa e ancestral Matriz, das torres gêmeas e sinos festivos, cantávamos no coro embebedos de solenidade e felizes.

O tempo passou e Luiz tornou-se maestro.

Com gestos comedidos e autoridade, buscava a perfeição e o cultivo das tradições. Até bem recentemente fazia o Coral apresentar as difíceis missas cantadas em latim nos eventos significativos como a missa do dia do padroeiro. Escolhidas a dedo, eram peças de bons mestres e compositores competentes.

A cada final do ato ia cumprimentá-lo e ele lembrava-me o maestro que fora meu pai, sem deixar de acrescentar a avaliação que dele recebia.

Funcionário burocrático da Fábrica, Luiz lá chegou aos 15 anos incompletos, a partir

de um cotidiano trabalho de ajuda à família. Nela aposentou-se, somados os períodos de prestação do serviço público como prefeito. Soube, como poucos, honrar os cargos por ele tornados missão. Acima dos partidos, para ele estava o município e seus habitantes. Lutou pelos princípios da cidadania plena, autenticada nos deveres e direitos, e também nos símbolos que fez reconhecidos: brasão, bandeira e hino. Cooperador por excelência das sociedades do bem comum, agregou seu empenho à Sociedade Beneficente do Pessoal da FPV, ao Centro dos Cooperadores Salesianos, à Sociedade dos Amigos de Piquete, à Sociedade de São Vicente, na qual permaneceu até a morte, assim como na liderança do Coral Santa Cecília.

Ver Luiz e Conceição nos atos da Igreja era uma contemplação de puro enlevo. Gostava de lembrar, ao lado dela, de que já eram bisavós. No lar, as fotos familiares eram mostradas com justificado orgulho.

Luiz entesourava preciosos documentos das sociedades de que participava, de sua vida pessoal e partituras musicais que estudava e transcrevia diligentemente.

Sabia fazer reconhecer o direito à tradição, mesmo quando a modernidade massificada impôs-se pela nova temática conciliar.

Conversei com ele muitas vezes. Perguntei-lhe muitas referências. Presenteou-me com uma cópia das letras das músicas mais tradicionais do nosso hinário religioso.

Luiz nunca deixou de ser aquele moço sério e corajoso a transparecer vitalidade. Católico praticante, estava sempre presente aos atos da Igreja. Era testemunha de fé.

Meditar sua vida sob o céu estrelado, em noite de lua nova, quando as estrelas brilham mais, mesmo as que não mais existem como centros irradiadores, é uma lição revigorante. É a consideração de que o paradigma representado por ele é luz que não se apaga no desafio do espaço e na frequência de um tempo cronometrado por outros valores, os imorredouros. Por isso, ao cumprir 83 anos encerrados no dia 24 de Junho, o das luzes de João, Luiz leva para a eternidade o seu próprio significado cristão, como no fragmento textual do Livro da Sabedoria para o Supremo Ser:

“Conhecer-vos é a perfeita religião.

Conhecer vosso poder é a raiz da imortalidade.”

(Sabedoria 15-3)

É a própria mensagem da Páscoa, a passagem em direção ao divino. Assim cremos e aprendemos a crer, como transcendência maior, da qual a vida, tornada construção e entrega, singulariza e espelha, pois os *“frutos da Sabedoria são virtudes”*.

(Sabedoria 8-7)

Dóli de Castro Ferreira

O Sr. Luiz Vieira Soares regendo o Coral Santa Cecília. Este grupo vocal foi por ele dirigido durante mais de 50 anos. Da e/d: Joair Santos, José R. Lima, José M. Chaves, Jorge de Melo e Jonas Caetano.



Foto arquivo Pro-Memória

Legião de órfãos

Celso Colombo

Os homens devem ser lembrados por suas ações, atividades e pensamentos que, de alguma forma, beneficiaram pessoas, independentemente do lugar onde viviam.

A magnitude do comportamento desses homens está diretamente relacionada à ultrapassagem das fronteiras entre bairros, cidades, estados e países. Assim, enquanto alguns deixam suas marcas em pequenas localidades, outros ganham espaços internacionais. Mas, no fundo, o que interessa é o legado, a herança da prática de ações que, de alguma maneira, contribuíram, entre outras coisas, para o desenvolvimento da ciência e para a minimização da dor e do sofrimento alheio, retratados na melhoria de vida de muitos indivíduos.

A história registra centenas de nomes de homens e mulheres que viveram, trabalharam, constituíram família, deram um pouco de si e foram úteis e importantes na vida de muitas pessoas.

Em nosso Piquete, um filho de família tradicional e humilde pode muito bem ser inserido na lista de pessoas que deram sua cota de contribuição para o progresso e o desenvolvimento de outros. Quando do seu passamento, um padre, ao recordar o exemplo de vida desse homem, apresentou-o como modelo de vida cristã. Sua vida como cidadão comum e funcionário da antiga Fábrica Presidente Vargas foi exemplar. Como homem de fé, não só evidenciou sua religiosidade como participou de ações concretas que se materializaram em obras assistenciais e de conforto aos mais necessitados, o que explica o choro de muitas pessoas humildes e até mesmo pouco conhecidas de nossa sociedade, que perderam a mão amiga e o conselheiro para problemas de pensões, aposentadorias e de saúde. Estas, momentaneamente, estão órfãs. Órfãos estão também os homens e mulheres de bem de nossa cidade e os cidadãos que se aventuraram na vida pública. Estes últimos tiveram a oportunidade de assistir sua combatividade e energia por três vezes à frente de nossa Prefeitura e, acima de tudo, o exemplo de como ser correto e honesto com a coisa pública. Perdemos um grande lutador, um amante de nossa cidade e de nossa gente, que viveu de forma simples e honesta e que deve servir de exemplo àqueles que estão chegando ao mercado de trabalho, à fé e à vida pública.

Aqueles que tiveram a oportunidade do convívio com o Sr. Luiz Vieira Soares certamente fazem parte da legião de órfãos de nosso Piquete, que estão desolados à procura de um novo protetor, de um novo conselheiro e de um novo anjo da guarda.

À família do Sr. Luiz Vieira Soares, nossos sentimentos e respeito.

Ecumenismo, o encontro dos cristãos no futuro

Depois de séculos de desencontros, um movimento mundial busca reintegrar a unidade dos cristãos. É uma resposta ao desejo de Cristo, que deu sua vida por este ideal e uma exigência de os cristãos se unirem para enfrentar os graves problemas que a humanidade enfrenta.

No começo, os discípulos de Jesus estavam unidos em torno do Mestre. Depois, Judas separou-se do grupo. Ainda no primeiro século, apareceram alguns pontos de vista diferentes a respeito da observância de preceitos judaicos por parte dos pagãos que se convertiam ao Cristianismo. Chegou-se a uma conclusão básica: certas coisas, como comer ou não carne de porco, não eram importantes. O mais importante mesmo era a união na fé, no Evangelho e na doutrina de Jesus.

O pior aconteceu mais tarde. Lá pelo ano 1000, depois de muitos séculos de convivência, os cristãos do Oriente separaram-se de Roma, do Papa e deram-se o nome de ortodoxos, que quer dizer verdadeiros...

Ainda hoje é a mesma atitude que nos divide: cada grupo de cristãos considera-se melhor que o outro. No século XVI,

Lutero, com vontade de reformar abusos na Igreja, acabou levando multidões à separação. Católicos e protestantes combateram-se durante 3 séculos e meio, e foi uma tragédia. Enquanto eles discutiam, foi sendo gestada a cultura moderna, sem o fermento do Evangelho.

Hoje estamos todos buscando a união, respeitando cada um a consciência do outro. Queremos apenas unir-nos na vida, na oração e na ação. Os resultados dos movimentos ecumênicos já são evidentes e há fatos animadores como a declaração conjunta de católicos e luteranos a respeito da justificação, que foi um motivo da separação. Também entre os anglicanos e católicos estão adiantadas as tratativas de comum acordo.

O livro "Jesus nos quer unidos", que escrevi em 2000, busca fundamentar a busca sincera da unidade, apoiando-se na Bíblia, nas ciências antropológicas e no diálogo aberto, compreender como é possível a unidade na variedade das diversas denominações cristãs. Um capítulo final reúne indicações de atitudes e ações práticas, para orientar a união dos cristãos.

Pe. Mário Bonatti

Reunião do IEV em Piquete

Organizada pela FCR, aconteceu, no dia 28-07, na Fazenda Santa Lydia, em Piquete, uma reunião do Instituto de Estudos Valeparaibanos – IEV, presidida pelo Prof. Nelson Pesciotta.

Foram apresentados um trabalho sobre o processo de emancipação de Piquete, pelo professor José Geraldo Evangelista, e "Piquete: uma reflexão no limiar do novo milênio", pela Profa. Dóli de Castro Ferreira, presidente da Comissão de História da FCR. Os temas suscitaram calorosos debates mediados pelo Prof. José Luiz Pasin. Após o almoço, o grupo visitou áreas da IMBEL e o Rancho Tropeiro, sendo recepcionado por Ademir Laureano. Ao final do dia, o saboroso "Café na Roça", servido pela Sra. Ana Maria Jofre, na sede da FCR.

Prof. Nelson Pesciotta e Paulo Noia de Miranda, presidentes do IEV e da FCR, respectivamente, e Pe. Mário Bonatti (último à direita).



Escultor premiado em Pindamonhangaba



"Medusa", obra premiada do jovem e talentoso artista plástico Luciano de Almeida.

O escultor Luciano dos Santos Almeida foi revelado no "Salão de Artes 10 de Julho", de Pindamonhangaba. Com a obra "Medusa", ganhou o primeiro lugar: medalha de ouro e prêmio em dinheiro. A obra, referendada por renomados artistas plásticos durante a exposição, foi feita na Fundação Christiano Rosa, em Piquete, possibilitando o acompanhamento do processo criativo deste artista.

Autor de denses trabalhos em argila, Luciano Almeida assina seus trabalhos com o pseudônimo "L. di Creta".

A FCR, que tem acompanhado e incentivado o crescimento deste jovem artista, rejubila-se com a premiação.

Carta de filha pródiga

Olá, minha cidade! Apesar das circunstâncias tristes, gostei tanto de revê-la.

Você continua tão bela como me lembro e meu pai sempre dizia. É um pequeno e raro diamante incrustado num maravilhoso anel verde da Serra da Mantiqueira. Não sou capaz de dizer qual é mais belo.

Quero te agradecer, minha Piquete, por, depois de tanto tempo, receber e abraçar o meu pai em teu coração. Quero agradecer também o carinho e o respeito dos teus filhos com ele.

Apesar de ter vivido em ti tão pouco tempo, é de onde tiro as melhores lembranças. Lembranças de criança.

Lembro-me da pizza que meu pai me fazia quando me levava, aos domingos, de manhã, ao General Carneiro, na época em que ele foi presidente do clube, ao som de "Yesterday", dos Beatles (durante toda a minha vida, todas as vezes que ouvi essa música, senti cheiro da pizza de mussarela...). Ele gostava também de ouvir "O fino da bossa" com Elis e Jair Rodrigues. Que ano foi esse?

Lembro-me do Jardim da infância e daqueles bichos incríveis. Que lembrança maravilhosa! A onça, o jacaré, o urubu-rei e o cheiro ruim que tinha a sua jaula... Daquele aquário tão misterioso, com sombras e sons tão fantásticos para uma menininha de quatro ou cinco anos. Que sensações raras para uma criança!

Gostava tanto de ir com "tia Eza" (Terezinha Masiero) à "Escola do Seu Leopoldo", quando eram férias. Lembro-me do cheiro dos móveis, da Bandeira, do piano

que eu "tocava". Me lembro dos sapos coaxando "foi-não-foi". Lembro-me das decorações de Natal na Praça Duque de Caxias... As gigantescas árvores de Natal, a cara de um Papai Noel gigante, os enormes e maravilhosos presépios. Sempre tive orgulho de meu pai por isso. Eu achava que foi ele que fez tudo sozinho. Tantas lembranças... Todas doces.

Na minha adolescência ainda vim algumas vezes para o carnaval, fiz novos amigos, mas depois nem sei por quê, nunca mais voltei...

Volto agora, Piquete, pra te devolver meu pai. Como ele queria. Dizia que queria passar toda a eternidade olhando suas montanhas. Ele sempre disse que do cemitério de Piquete se enxergava a paisagem mais bonita do mundo.

Aí está ele, Piquete... O Yeyé, o Zé, o Palmyro, o meu pai...

Dói tanto a despedida! Mais do que doeria a perda de todos os membros do meu corpo, mas fica comigo um grande orgulho: o de Deus ter me abençoado com um pai tão maravilhosamente especial. Eu não teria escolhido melhor.

Querida cidade, eis teu filho que voltou pra casa.

Quem sabe um dia eu volte também e mereça um pouquinho do amor e do abraço que esta cidade lhe deu, agora que voltou.

Obrigada, Cidade Paisagem. Obrigada minha Piquete.

Descanse em paz, pai.

Rossana de Fátima Mazza Masiero

O teatro foi uma das paixões de Yeyé Masiero. Na foto, grupo ARTE - Artistas Reunidos do Teatro Experimental, na estréia de "Pluft, o Fantasminha", no Cine Estrela, no dia 23-12-61. Da esquerda para a direita - em pé: João Gomes, Oswaldo Peixoto, Aparecida Coelho, Lessa Bastos, Auxiliadora Mota, Cecília Masiero, Paulo Henrique; sentados: Luizito, Jair, Edi Manzini, Betinho Luz, César Damico, José Palmyro Masiero e Nelo Pelegrine.



Crônicas Pitorescas

O rei do contra

Palmyro Masiero

O Capitão Roberto Corrêa era bastante chegado nesse negócio de rádio. Ele, pelos idos de 1948, deu início a um movimento pela criação de uma rádio em Piquete. Primeiramente partiu para a escolha dos elementos que comporiam o "cast" da futura emissora.

Foi então promovido o primeiro programa de calouros no Cine Estrela. A animação do evento ficou a cargo de Airton Cerqueira e de José de Souza Leite. Para acompanhar os cantores e cantoras o conjunto de Souza Filho (Miro). Também participavam candidatos a locutores, instrumentistas, etc. Ah! Tinha o gongo para os desafinados até de pensamento. Tudo correu bem, com a platéia participando ativamente. Não me recordo quem foi o ganhador, nem quantos passaram pelo grifo da eliminação.

Mas o importante disso foi que no jornal "Folha de Piquete", que circulava na época, surgiu um crítico, um tal Bernardo Lopes, que desceu o sarrafo, adoidado. Atacou com virulência todo mundo. Não escapou ninguém. Só quem não sofreu ataques foi o Cap. Roberto, organizador do festival. Um verdadeiro "auê" na cidade. Revolta, principalmente dos candidatos e seus familiares.

No jornal seguinte foi publicada uma enxurrada de cartas atacando o crítico. Dentre essas veio uma do Cap. Roberto, que não concordava com os conceitos emitidos, saindo em defesa de todos os outros e ainda lembrando ao Bernardo Lopes que a ditadura já havia acabado e ele não precisava de bajulações. Várias pesquisas foram feitas e não encontraram em Piquete ninguém com esse nome. Pseudônimo, evidente. Diante de tanto alvoroço, após o 2º programa, o Bernardo Lopes levantou a bandeira branca e elogiou até cantor mudo.

Peguei tanto essa história, que as pessoas negativas da cidade que atacavam isso ou aquilo eram chamadas de "bernardolopistas". Acho que ainda há muitos, hoje em dia.

Não me recordo do que se falou dos outros participantes, garanto só que não foi elogio.

Lembro-me, mais ou menos, do que disse a meu respeito: "Cantou uma música muito batida, 'Cinco Letras que Choram', que só ficaria bem cantada pelo Chico Alves". Agora, cá pra nós, minha pretensão não era, com 17 anos, ser como o "Rei da Voz". No duro, meu desejo mesmo era cantar só como o Frank Sinatra. Foi nisso que ele errou a meu respeito.

Hoje sou "bernardolopista" de mim mesmo.

O Valor da Tradição

Um registro renovado

Entre os dias 5 e 15 de julho de 2001, nesse primeiro ano do novo milênio, realizou-se em Piquete a 20ª Festa do Tropeiro e a 11ª do Peão, com o apoio da Prefeitura Municipal e grande sucesso de público.

O prefeito Luiz Carlos Beraldo Leite estava entusiasmado com o grande acesso e a aceitabilidade dos cidadãos e visitantes. Dai o propósito de envidar esforços no cultivo de eventos rememorativos de nossas tradições fundadoras. O recinto, denominado Miguel Purcino Ferreira, esteve lotado, principalmente no último fim de semana de um conjunto de 10 dias movimentados. O rodeio, os desfiles de animais de tropas e montarias constituíram atrações e mantiveram uma frequência cativa de todas as idades e extrações sociais. As barracas de alimentação e bebidas garantiam a animação, além dos diferentes focos da música de enfoque rural, a que chamam “country”, manipulados pela mídia.

Elemento preeminente nessas festividades é a Casa do Tropeiro, proposta finalmente reconhecida pela edilidade e Prefeitura Municipal e regularizada para tanto pelas leis e dispositivos municipais. Esta casa representa amostragem das que existiam ao longo dos caminhos que deram origem a Piquete, rústicas, humildes, de poucos móveis, mas de testemunhos da luta pela sobrevivência, do trabalho honesto e das principais virtudes que são o respeito mútuo e a boa orientação familiar. Ela é referência da ASTROCAP – Associação Cultural Tropeira e Carreira de Piquete, sob a liderança de Ademir Laureano de Souza e da esposa Carmen, grandes animadores e batalhadores pela causa tropeira e pelo reconhecimento de nosso município nas organizações culturais do Estado. Portanto, a ASTROCAP foi avaliada como significativa cultural, teve seu reconhecimento realizado pela Secretaria da Cultura do Estado, passou a receber seu apoio e foi incluída no mapa cultural do Estado. Tudo isso muito nos orgulha. Afinal, a tradição que está sendo revivida na verdade ainda está muito viva. Mesmo depois de 500 anos de história da ocupação européia e das mudanças técnicas e tecnológicas, nas áreas serranas do município e mesmo em todas as outras do Vale do Paraíba, as tropas têm vida ativa, assim como carros-de-bois. Na faina diária,

Tropeiro durante desfile, no dia 14-07-01



Foto Izam Petterle



Na cozinha da “Casa do Tropeiro”, Ademir Laureano e o Prefeito recebem os tropeiros Sinésio Ferreira, Manoel Cigano e convidados.

Foto Izam Petterle

transportando e arando, mesmo nas encostas elevadas, de declividades fortes, esses animais cumprem suas missões, manejados pelos trabalhadores – famílias inteiras – dedicados a obter seu sustento. Muito cedo, as crianças aprendem a conduzir a boiada, reuni-la, fazê-la movimentar-se e trabalhar. Nos apelos da condução, a voz humana intermedeia-se à dos animais em sintonia perfeita, cujos acordes contraponteiavam-se aos sons cavos e ressoantes dos berrantes. Em Piquete, particularmente, burros e mulas tropeiras continuam a servir nos caminhos rústicos ou asfaltados, e os cavalos ainda são frequentes meios de transporte. Galgam, com galhardia, os morros e sofrem nos escorregões dos declives calçados, ao impulso das inércias.

Nessas festas, o desfile das charretes, das tropas e dos animais de montaria, mais do que o demonstrativo da euforia geral, mostram como estão bem harmonizados ao retrato vivo do espaço no qual atuam e dinamizam. Há animais de todo tipo, dos mais garbosos aos mais sofridos, bravamente conduzidos. Os mais afoitos e os mais calmos, enobrecidos ou humilhados, os pelos suados luzentes ao sol. Um relincho ou outro. Em massas compactas. São muitos. Já no desfile das mula, elas estão ajazeadas e mostram bem para que servem, levando suas cangalhas. Nas peles acobreadas de sóis, os trabalhadores ostentam as marcas do cotidiano, cujas construções de mentalidades têm no respeito, na cortesia, na eficiência e na honra os seus distintivos mais importantes. Tropeiros, boiadeiros e carreiros desenvolvem uma demonstração de força, coragem e amizade, nas quais a hierarquia entre os experientes e os mais jovens é marca de autêntica relação entre humanos e animais de trabalho. A exibição de animais encilhados para espetáculo deixa

a população fixadamente atenta. A sonoridade dos cascos e as marcas da passagem expõem-se em vitoriosa demonstração. O povo, feliz, comenta, e mantém-se perfilado.

Para os estudiosos de história é uma ressonância de tempo agregado de valores, de modos, de energia e de raízes que se expõem vivas, a exigir fertilidades no trato. É por isso que, finalizando em aplausos, cabe-nos homenagear essa brava gente e seus animais. Nomear um a um é difícil, a memória falha, e corre-se o risco da injustiça. Portanto, dos mais velhos aos mais novos, o nosso apreço de reconhecimento. Entretanto, é agradável pontuar a presença de Luiz Felipe, neto de mestre Sinésio, (Benedito Sinésio Ferreira), que, aos seis anos de idade, conduziu ao lado do avô o seu carro-de-bois menores, ou seja, bezerros que ainda mamam, atrelados aos seus instrumentos de trabalho e todos em aprendizagem construtiva do labor honroso. O pequeno Luiz Felipe mostrou-nos que a solidez do bom exemplo é imorredoura e que a consciência do dever não é ato em desuso. Pelo contrário: tanto o pequeno menino, como os bezerros conduzidos, nos ensinavam o bem maior – a lição da vida conquistada com o trabalho. Foi assim garbosamente honrada a tradição de nossos avós.

Dóli de Castro Ferreira

O Tropeiro “Manoel Cigano” e sua mula.



Foto Izam Petterle

Incêndios criminosos



Foto Paulo C. Neves

“A caminho dos Marins”. O cuidado para se evitar queimadas nesta época do ano deve ser uma preocupação constante. Somete assim preservaremos este cartão postal de Piquete.

Assistimos todos os anos, durante a estiagem de inverno, à queima de extensas áreas de pastagem e matas nativas em diferentes regiões do país, com o comprometimento da fauna e flora, bem como de nossos mananciais. Chama-nos a atenção que muitos incêndios ocorrem não por combustão espontânea, mas criminosamente ateados por pessoas inconseqüentes, que destroem o que a natureza levou anos para formar.

A herança indígena da coivara, aliada a outras práticas agrícolas errôneas, a ocupação irregular do solo e o crescimento populacional próximo à reservas florestais são fatores que facilitam a agressão ao meio ambiente. No Vale do Paraíba resta muito pouco da mata nativa original. Historicamente, a lavoura do café, no século XIX, e a subsequente criação de gado concorreram para a redução das matas valeparaibanas.

Em relação a outras cidades da região, Piquete é privilegiada, pois mantém, nas encostas mantigueiras, importantes fragmentos de Mata Atlântica, o que exige um olhar e ações responsáveis por parte da população, para a sua manutenção. Estes fragmentos de rica biodiversidade, como a reserva de mata da IMBEL, têm sido visitados por renomados pesquisadores, que referendam sua importância para nossa cidade e região. Por outro lado, as agressões ao meio ambiente, como as queimadas desta época do ano, mostram a fragilidade de nossos ecossistemas, que necessitam de constante vigilância e proteção. É preciso, para isso, que toda a sociedade se conscientize e exija políticas públicas preservacionistas voltadas aos recursos hídricos, à recuperação de matas ciliares e à manutenção de nossas encostas. Somente com a conscientização, por meio da educação ambiental, é que conseguiremos efetivar ações nesse sentido. **AC**

Notas da Cidade

□ Com o avanço da seca, os mananciais do bairro da Tabuleta, em Piquete, estão em situação precária. Até o início de agosto, o Reservatório Central (alto da Caixa d'Água) estava recebendo cerca de 235mil litros de água por hora. No dia 10 de agosto, essa quantidade já era de 200mil litros. Esse quadro requer ações severas de racionamento. Assim, cidadão piquetense, seja responsável: **Economize Água!**

□ A Profa. Dóli de Castro Ferreira recebeu, com o trabalho “Conto infantil em noite de lua plena”, o 1º lugar no Concurso de Contos “Osmar Muniz Pimentel”, promovido pela Sociedade dos Amigos da Cultura de Lorena. A premiação foi anunciada pelo Secretário de Cultura de Lorena, Prof. Nelson Pesciotta, em reunião do IEV, realizada em Piquete, no dia 28-07. A FCR parabeniza sua colaboradora.

A cultura da adrenalina

*D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues
Bispo Diocesano de Lorena*

Faz alguns dias, assisti pela TV, a uma interessante entrevista. O assunto era a prática de esporte de alto risco. A repórter alternava perguntas a jovens que abraçaram este tipo de esporte, com perguntas dirigidas a um psicanalista. O intento era explicitar que razões estariam na origem de práticas tão arriscadas, assumidas com tanta paixão. O psicanalista, aliás muito criteriosamente, fez referência, dentre outras considerações, a uma espécie de instinto de morte que coexiste no ser humano com o desejo de viver. Do que disseram os desportistas, chamou-me a atenção o retomo frequente da palavra “adrenalina”. Impressiona-me a existência de um número cada vez maior de práticas esportivas de alto risco e que fazem parte do cada dia de nossos noticiários de rádio e de TV. Para muitos, atores e espectadores, a adrenalina se tornou a razão de viver. A vida se justifica pelas emoções fortes que ela possibilita. Se outros valores não há, importa fazer a própria vida girar em torno de emoções propiciadas pelas mais variadas formas de competição e de aventuras que a imaginação humana possa criar. E por que não as drogas? É urgente em nossos tempos contrapor à cultura da adrenalina a busca e o cultivo da verdade: “Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade...” (“Fé e Razão”). A cultura contemporânea, na medida em que se moldou por uma visão do homem em que se cancelou o horizonte da transcendência, acabou por privá-lo de suas raízes mais profundas, impelindo-o a uma desesperada e inútil busca de sentido em superficiais e efêmeras experiências, simulacros da verdade. A carta encíclica de João Paulo II, “Fé e Razão”, com esmerada formulação filosófica, na sua introdução, coloca-nos diante desta crucial questão: a questão da VERDADE. Destaco da análise que a encíclica faz da questão da verdade em nosso mundo o seguinte trecho: “De fato, não se pode negar que este período de mudanças rápidas e complexas deixa, sobretudo os jovens, a quem pertence e de quem depende o futuro, na sensação de estarem privados de pontos de referência autênticos. A necessidade de um alicerce sobre o qual construir a existência pessoal e social faz-se sentir de maneira premente, principalmente quando se é obrigado a constatar o caráter fragmentário e propostas que levam o efêmero ao nível de valor, eludindo assim a possibilidade de se alcançar o verdadeiro sentido da existência. Deste modo, muitos arrastam a sua vida quase até a borda do precipício, sem saber o que os espera.” O nosso mundo valoriza fortemente, com razão, a liberdade. A liberdade é a força de, a partir de dentro, caminhar em busca da Vida, sempre mais plena. Sem a Verdade não se sabe onde encontrar a vida e nem se conhece o caminho. E o homem não pode ser o criador da sua verdade, pois ele é dado a si mesmo por um OUTRO, em cujo mistério se oculta a sua identidade profunda. A verdade deve ser incessantemente buscada pelo homem sob pena de permanecer ele eterno prisioneiro de sua própria insuficiência. Liberdade e Verdade, porém, caminham juntas ou perecem irremediavelmente.

Como cidadão, o escritor tem compromisso com seu tempo, com seu país, com as circunstâncias do mundo. O futuro vai julgar a obra do autor; mas o presente tem o direito de fazer um juízo sobre o autor que ele é.

José Saramago